

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.  
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE JULHO DE 1911

N.º 300

---

## A Senhora Dona Maria Pia



(† a 5 de julho de 1911)

---

**NOTA 1** — Têm actualidade o artigo que Luciano Cordeiro escreveu em 1897 e que damos a seguir, e os trechos, de poetas e escriptores, publicados em 1862, anno em que a Senhora Dona Maria Pia chegou ao Tejo a bordo da *Bartholomeu Diaz*.

# A RAINHA DONA MARIA PIA



EMBRO-ME d'isto como se fosse hontem.

Formámos na sala do *Risco*, n'uma só fila, muito comprida, á direita da velha *Paciencia*, impertigados, pescoço teso, entalado em duas dobras de um lenço de seda preta, insupportavel, como mandava a ordenança do velho *Celestino*, o severo commandante da Escola, cheios, é claro, de um grande alvoroço alegre que os receios da revista imminente e as voltas do lenço do pescoço mal recalçavam e continham.

que só o *Celestino* sabia, de fazer a guarda do desembarque á nova Rainha de Portugal, no *Caes das Columnas*, no proprio pavilhão até em que a gentil princeza de Saboia receberia as salemas da *Côrte* e dos Altos Poderes do Estado.

Era indispensavel que os lenços de seda preta apertassem correctamente os gorgomilos e que os continuadores dos Gamas não se esquecessem de apresentar as jaquetas irreprehensivelmente escovadas.

Como isto parece que foi ha seculos!...

Acabada a revista, e á voz imperiosa do *Schultz*, — lembra-me



Veio «o lobo do mar», reluzente de douraduras e condecorações, cara de poucos amigos, muito desempenado nos seus bons setenta annos; espalhou por todos nós um olhar carregado e fundo; *percorreu-nos* vagarosamente, resmungando sempre, puchando a jaqueta a um, endireitando o cinto a outro, mirando as extraordinarias gravatas, repontando com um botão que se esquecerá de entrar na respectiva casa, examinando se os espadins estavam bem cuidados, se as cabelleiras se permittiam fantasias janotas, se os bonés guardavam uma posição decente.

A *Companhia dos guardas marinhas*, como então se dizia, ia ter a honra, em virtude de uma complicada serie de privilegios

bem que foi a d'elle. — a *Companhia* desfilou a um de fundo n'uma grande *bicha*, — que era tambem a ordenança determinada pelo *Celestino*, em virtude dos privilegios que só elle sabia.

Enfiou pelo longo corredor, desceu a escadaria que vem á rua do Arsenal, atravessou intrepidamente o largo do Pelourinho, e o *Terreiro do Paço*, muito apertada pela multidão enorme e foi postar-se no *Caes*, desdobrando-se ahi em alas até ao bello pavilhão empavesado de veludos e bandeiras que se erguera d'aquelle lado, ao centro.

Um dia soberbo, de encommenda: — assoalhado, fresco, transparente.

O Tejo em plena festa; cheia de barcos, de bandeiras, de movimento alegre, de scintillações iriadas, de ruidos joviaes, estimulantes.

Ao longe os cascos negros, luzidios, compridos como baleias, dos navios italianos que faziam cortejo á *Bartholomeu Dias*, de altos mastros, esbelta, donairoza — uma belleza de navio como não são as fortalezas fluctuantes de hoje.

Cá em terra a multidão immensa, ruidosa, variegada, movendo-se em ondas encontradas. gritando, gesticulando, apertando-se, impaciente, n'uma grande tensão nervosa de curiosidade, de impressões novas, de enthusiasmo.

De enthusiasmo, sim.

Vinha da Italia a que ia ser Rainha de Portugal.

Era filha de Victor Manuel a que vinha ser mulher de Dom Luiz de Bragança.

E a Italia e Victor Manuel andavam-nos então nas cabeças e nos corações n'uma ovação instinctiva, enthusiasica de ideias, de sentimentos, até de tradições communs.

A *Italia una*, a Italia livre, a Italia emergindo valorosamente, n'uma aureola de gloriosas reminiscencias, de generosas idealidades, da longa noite da dominação estrangeira, — o berço da nossa raça, a escola da nossa civilização, restituída a uma e a outra, era para nós todos, feitos latinos por dentro e por fóra desde o alvorecer da vida, alguma cousa que nos importava intimamente, necessariamente, que nos pertencia e alegrava como cousa propria, como direito e gloria commum.

Victor Manuel, o Rei-soldado, o Rei feito soldado de uma aventura de emancipação e de reintegração patriótica: o Rei da Independencia, o soldado da Liberdade; o pequeno Monarcha que se fizera grande Cidadão, Victor Manuel continuando e vingando Carlos Alberto, empunhando intrepido e firme, — mais tarde diriamos: previdente e habil, ambicioso e astuto, — o lábaro da Revolução e da Patria, exercia naturalmente na grande multidão uma fascinação irresistivel, uma sympathia que pudéra até dizer-se instinctiva, ingênita, n'um povo como o nosso de fundas tradições democraticas como poucos, n'um paiz que se fizera pela Revolução e que a cobiça extranha nunca deixou, mais ou menos disfarçada ou hypocrita, de ameaçar e namorar do lado do Guadiana.

E depois um novo reinado começava.

Entre apprehensões sombrias e luctas inopinadas recebera o novo e moço Rei portuguez a Coróa.

Aquelle consorcio da Dynastia de Bragança que parecia extinguir-se com a Casa de Saboia que allorava triumphantemente na nova Carta politica da Europa, era uma esperanza, uma garantia de paz publica, de tranquillidade nacional, de consolidação mais que dynastica, social e politica.

Sentia-se, comprehendia-se instinctivamente o symbolismo da oliveira, na aureola de prestigio, de formosa e opulenta mocidade, de bondade nativa em que se desenhava já a bella e amavel flór da Italia ressurrecta, como em fundo de ouro as Virgens de Frei Angelico.

Pois tudo isto, toda esta disposição dos espiritos e dos corações, todas estas ideias e circumstancias se transfundiram e completaram, subitamente, traduzindo-se no som indefinivel, simultaneamente estrondoso e meigo, de um espanto sympathico, de uma saudação espontanea de milhares de bocas, ao deparar-se-nos a nova Rainha portugueza quando ella, atravessando brandamente, como deslissavam as Deusas, o breve espaço entre o Caes e o pavilhão, offereceu aos olhos avidos da turba aquella formosa cabeça que parecia emoldurada n'um resplendor de fogo, aquelle vulto encantador, ao mesmo tempo forte e magestoso como o de Diana a Caçadora e flexivel e gracioso como o de uma fidalga pastorinha de Watteau.

— «Tirar bonés!» — bradou-nos a voz evidentemente engulhada do Schultz.

Celestino voltou-se rapido como se lhe tivessem dado um soco nas costas, e o seu olhar terrivel immobilisou a *Companhia* nas mais atrapalhadas attitudes: uns de boné á altura do nariz; outros com elle levantado como acompanhando um viva que se recolhera a tempo; os lenços do pescoço n'uma perfeita indisciplina; os espaldins reluzentes na maior anarchia de posições.

Schultz percebeu instantaneamente que tinha commettido uma grave infracção da ordenança, — a unica seguramente que tem commettido até hoje.

Sem tomar folego, gritou novamente:

— «Pór bonés!...»

E puzémol-os, é claro, mas como a nossa vontade era outra, e como do fundo dos nossos corações moços, enthusiasistas, ingenuos maldissémos do Celestino e da ordenança que nos não mandava não só descobrirmo-nos, mas ajoelharmos!

Embora não encontrando verdadeiramente uma Córte em que pudesse beber a lição do novo meio, da sociedade nova a que vinha presidir; tendo mesmo de refazer-a sobre tradições perdidas e destroços pouco conciliaveis; sentindo-se quasi somente rodeada de cortezãos politicos que lhe disputavam nas açodadas contumelias a influencia e o valimento dos seus interesses de facção, a gentil princeza italiana, — menina e moça inopinadamente trazida de casa tão cedo deserta dos cuidados maternos, — identificou-se, em brevissimo tempo, com esse novo meio, com essa sociedade desconhecida e extranha, sem esforço visivel, naturalmente, sinceramente, n'uma admiravel facilidade de adaptação que não excluía, antes exactamente revelava uma delicadeza igual de coração e de intelligencia.

A nacionalisação politica fez-se n'ella, quasi sem darmos por isso, verdadeira e completa naturalisação.

A estrangeira desapareceu: — a italiana era dentro em pouco a genuina portugueza de alma e coração que é hoje, que tem sido sempre.

Retrata e caracteriza bem esta rapida e completa identificação, a perfeita assimilação da lingua, e sabem todos a resistencia, nunca por completo vencida, geralmente, que á assimilação de extranhos offerece a lingua portugueza.

Pois como assimilou a lingua com tal maleabilidade que se dissera ter sido a primeira em que se exprimira, — e não só na sua forma litteraria, *official*, mas nas mil variantes e idiotismos da locução habitual; e não só na sua estrutura correcta mas na sua pronuncia mais peculiar e difficil, — assim tambem a intelligentissima Princeza da Casa Saboia, parece ter assimilado as tradições, o genio, a psychologia da sua nova Patria n'uma feliz consonancia da sua alma bondosa e grande com este bello fundo de sentimentalidade cavalheirosa, de amavel abnegação, de fidalga generosidade do nosso character nacional, que pode ter-nos arruinado, é certo, com illusões imprevidentes, com prodigalidades mal empregadas, segundo bramam os politicos, mas que ao menos não nos tem degradado e envilecido no conceito do mundo e da historia com os egoismos ferozes e as baixas intrigas d'aquelles Senhores.

Na serie gloriosamente numerosa das Rainhas portuguezas que deixaram um rasto de luz e de amor na alma popular ou nos bronzes da Historia, a Rainha Dona Maria Pia conquistou, e continua, incontestavelmente um logar inconfundivel, primeiro pelas singulares circumstancias, até pelo especial papel que o seu advento á Coróa e á dynastia de Bragança representa, depois pela sua discreta e patriótica ponderação social e pela sua longa obra de caridade.

Ah, que se o bom e velho Celestino, empertigado e apertado na sua severa disciplina, tivesse podido adinhar o que seria aquella fulgurante e juvenil Senhora perante a qual nos mandava comicamente hirtos, com duas voltas de seda preta no pescoço; — se elle previsse quantas lagrimas de desgraçados ella havia de enxugar, a quantas fomes e miserias ella havia de acudir, quantas viuvas e quantos orphãos, quantos desvalidos e quantos desesperados ella salvaria, sem falar, que não vale a pena, em quantas injustiças e ingratições lhe morderiam a sombra pela vida adiante, ah, não teria sido o Schultz, não, mas elle proprio, o terrivel «lobo do mar», quem nos teria bradado:

— «Companhia: tirar bonés!»



## Ave, Stella!

.....  
 .....  
 Num povo d'almas leaes,  
 que já por fé vos adora  
 profundo affecto encontraes  
 Vossa patria é esta agora:  
 bem-vinda a ella sejaes!

Honra nos foi e nos fez  
 uma Filha de Saboya.  
 Signal de gloria outra vez  
 ha-de ser d'Italia a Joia  
 sobre o throno portuguez!

A voz que as benções implora  
 jamais aos Vossos foi muda:  
 Vosso Avó cantou outr'ora  
 musa que hoje vos saúda.  
 Bem-vinda, Augusta Senhora!

1862.

J. DA S. MENDES LEAL.

## Vaticinio

.....  
 Basta, Senhora! eu creio em Teu Real condão.  
 Futura Mãe de Reis, já Mãe da multidão,  
 escuta o que hoje um vate obscuro, amigo serio,  
 Te exóra fervoroso a bem de todo o imperio.

Vivas, salvas, festins, a noite envolta em luz,  
 vão passar. Amanhã, de quanto hoje reluz,  
 tumultúa, pompeia, encanta, o que nos resta?  
 um loiro aos pés calcado; os ecos d'uma festa;  
 o aborrido canção; o escuro; a lida vã.  
 Tal d'este hoje fastoso o misero amanhã.

Melhor, melhor triumpho, immenso, duradoiro,  
 compete ao Joven Par que ascende ao solio d'oiro:  
 Fundae a nova escola; a escola maternal;  
 cheia de luz e amor, como a alva matinal;  
 qual o meigo Jesus sem duvida a amaria.

.....  
 Dos factos a evidencia em breve se irradia;  
 e com mais persuasão que a só philosophia,  
 attrae, venceu, domina. O ensino vão e algoz,  
 da cathedra usurpada, em que a estulticia o poz,  
 e em que ha mil annos queima as patrias esperanças,  
 desaparece. Então co'os hymnos das crianças,  
 paes, mães, um reino todo, entrado a mais feliz,  
 abençoarão Maria, abençoarão Luiz.

Outubro de 62.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

.....  
 \* \* \*  
 «Viva Savoia» risonar si udio,  
 sette secolì son, dal Duero al Tago,  
 quando á Mafalda, di bei nodi vago,  
 il primo Affonso il core e un Trono offrio.

Sulle sponde di questo e di quel rio  
 desta Maria, d'ogni virtute imago,  
 plauso maggiore or che contento e pago  
 Lisia ravvisa il pubblico desio,  
 .....

1862.

\* \* \* L.

## À sombra de Carlos Alberto

.....  
 ..... Por largo espaço  
 volve os olhos em roda, e emfim prorompe:

.....  
 ..... «Porém que vejo,  
 (e apontava o occidente) ao longe, ao longe,  
 no fim da Europa, do oceano á beira?  
 O meu sangue se casa ao sangue illustre  
 do portuguez monarcha. A minha divida  
 pagas, ó filho meu, co'o mais querido,  
 mais do teu coração, co'a propria filha.  
 Dois legados, além do diadema,  
 eu deixei: um ao solo do meu berço,  
 á minha cara Italia, o outro á nobre  
 terra de Portugal, em cujo seio  
 me acolhi na desgraça, e em cujos braços,  
 carpido e amado, me apartei do mundo.

.....  
 ..... Ao claro neto  
 do rei, libertador dos portuguezes,  
 te vaes unir, ó filha de meu filho.  
 Serás feliz; de paz e de alegria  
 vida longa te espera sobre o solio  
 donde tantos monarchas poderosos  
 dictaram n'outro tempo leis aos mares,  
 e donde agora nova luz começa  
 a scintillar, a dardejar espr'anças.

1867.

JOSÉ RAMOS COELHO.

## Emboras

.....  
 Gentil Pomba da Ausonia, a Vós meu canto!  
 Meus labios, não afeitos a lisonjas,  
 soltam a saudação livre, espontanea,  
 á Meiga Flór, que vem brilhar nos Paços  
 de incantos mil ornada... e que rescende  
 não sei que vago aroma de virtudes!

.....  
 Anjo de paz e de amor  
 vem á terra Lusitana,  
 que tambem tambem se ufana  
 com acções de alto valor!  
 Se os filhos da Italia bella,  
 fiados na vossa estrella,  
 iam firmes combater,  
 tambem com firme vontade  
 pela patria liberdade  
 sabem os Lusos morrer!

.....  
 Em feitos d'immensa gloria  
 Portugal não tem segundo!  
 Estão espalhadas no mundo  
 as folhas da nossa historia!  
 Nossas Quinas Lusitanas,  
 mais do que as aguias Romanas,  
 dictaram ao mundo a lei!  
 E se caía um valente,  
 bradava altivo e contente:  
 «Pela Patria, e pelo Rei!»

1867.

M. PINHEIRO CHAGAS.

## Exposição de cerâmica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

*A bilha quebrada***O ANJO**

Carlos Alberto, o Campeador de Italia,  
ao ver fugir-lhe o anjo da victoria,  
o diadema arrancou; mas cingio outro  
—o diadema dos martyres, que o foram

do resgate dos seus. E, peregrino,  
um tumulo buscou em livres plagas,  
e vio sobre as severas penedias  
d'aquelle torvo Douro, entre os destroços  
de heroicas pugnas, o paladio, o berço  
da Liberdade. «E' aqui!» o martyr disse.

.....  
Concedeu-lhe o Senhor um dos seus anjos.  
Eis, n'um raio de sol e graça, desce:  
veste as fórmas humanas; eil-o virgem  
com quantas prendas seraphins lhe ensinam.

Diz o santo ao seu Deus: «Aquelle anjo,  
«que me destes, Senhor, é de meu filho  
«a filha amada: inspirai-os ambos.  
«Fazei que ella me seja o dom celeste  
«com que eu possa pagar a portuguezes  
«o muito que me deram de seus prantos.  
«Concedei-m'a, Senhor, que eu quero dal-a  
«ao rei dos homens livres». Disse; e o Eterno,  
sorrindo á gratidão da nobre alma,  
ao Rei de Portugal concede o Anjo.

1862.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

**¡Salve, Rejia Beldad!**

¡Ya sois de Portugal! Ya vuestra frente  
los rayos de su cielo esplendoroso  
iluminan, y alhagan dulcemente  
de las áuras el beso cariñoso.

Excelsa, pura cándida y lozana  
del Tajo vais á ser la flor mas bella;  
Lísia para acogeros se engalana  
y de jazmines cubre vuestra huella.

1862.

LUIZ BRETON Y VEDRA.



Exposição de cerâmica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro — Bandeiras nacionaes

(Phot. de A. C. Lima)

## Savoja e Braganza

.....  
 Dann'ivi legge ai popoli soggetti  
 Con savio, forte, giusto, umano impero  
 Dal popolo e da Dio due Tronchi eletti  
 Che pregiarsi seguir le vie del vero.  
 Già Braganza e Savoja furon detti,  
 E ognun può andar del proprio nome altiero  
 Che per quanto su terra il ciel si spande  
 Stirpe non vedi né più eccelsa o grande.

.....  
 Nel bel giardin che a sua difesa ha l'Alpi  
 E a cui il mar lambe mollemente il piede

## AL TAJO

(CON MOTIVO DEL REGIO ENLACE)

¿ Mas por qué reflejando la alegría  
 se viste el Tajo de brillante gala ?  
 ¿ por qué puebla las ondas de armonia  
 y májicos conciertos hoy exhala ?

.....  
 ¿ A quien rinden tributo respetuoso  
 las olas de ese rio alborozadas ?  
 ¿ y con grato murmullo cadencioso  
 caen ante una nave prosternadas ?

.....  
 ¿ A quien rinden sonoras tanta salva ?  
 A virgen bella en cuna real mecida,

## A coroação de Jorge V, rei de Inglaterra



*O cortejo real sahindo do palacio de Buckingham e dirigindo-se para a abbadia de Westminster*

La bella Pia s'inspirava agli alti  
 Pensieri di virtù. Quanti concede  
 L'Eterno al male oprar solidi spalti,  
 Intelletto, vigor, saggezza e fede  
 Tutto ha Maria; ne sai se van lodate  
 Più in lei virtù acquisite o doti innate.

.....  
 Narrar le gesta! mi perdoni Iddio  
 Se tant'ora volare il mio pensiero!  
 Più che a mie forze guardisi al desio  
 Che il ver vuol dir in olocausto al vero.  
 Se nell'agone generoso e pio  
 Mancan sublimi voli a un cor sincero  
 Di Luigi e Pia la bontà mi affida  
 Che nel mio viaggio io prendo a scorta e guida.

primer rayo purísimo del alba,  
 flor del vergel de Italia desprendida.

.....  
 Princesa ilustre de la Italia bella,  
 no llores de tu patria al abandono;  
 porque otra patria encuentras y con ella  
 de un joven rey el corazón y el trono.

.....  
 También te acoge en sus amantes brazos  
 un pueblo libre; madre cariñosa,  
 del pueblo y trono estrecharás los lazos,  
 y Dios bendicirá tu union dichosa;

Mientras la sombra veneranda y pia  
 del noble rey, tu generoso abuelo,  
 sobre esta hospitalaria tierra envia  
 inefable mirada de consuelo.

## D. Maria de Saboya

... E' uma Rainha de quinze annos, cercada de todas as graças naturaes e adquiridas, cujos dias entretecidos de luz, de boas

é toda de rosas e sorrisos, quem a sabe são os pobres. A que vae principiar entre nós com a nova existencia de esposa e de mãe de um povo, que acima dos esplendores e magnificencias admira n'ella as qualidades de sua mãe, e o entusiasmo do bello, ditoso condão de sua primeira patria, Deus a mandará escrever pelos seus anjos.



A coroação de Jorge V, rei de Inglaterra — O cortejo a caminho da abbadia de Westminster

obras, e de santas esperanças, correram até hoje socegados, e sem estrondo, por baixo das abobadas virentes dos jardins encantados da sua querida Italia. A pagina até agora escripta d'esta vida, que

No tope dos mastros fluctuam e beijam-se entrelaçadas, como duas irmãs amigas, as côres de Italia e Portugal, côres que a victoria realça e a liberdade exalta.

# A coroação de Jorge V, rei de Inglaterra



DEPOIS DA CEREMONIA—O rei, a rainha e os altos personagens da cõrte inglesa

... Estais em Portugal, Senhora! Avistais as margens e as torres que viram partir o primeiro almirante dos mares da India, e onde tantos triumphos e conquistas ergueram dignos padrões, emulos da fama que immortalisa os campos da vossa patria. Filha de Victor Manuel, neta de Carlos Alberto, o solo que pizais foi duplamente sagrado pelo sacrificio de dois Principes. Aqui repousa sem corôa o imperador D. Pedro, que trocou dois sceptrôs por uma espada; além, no Porto, sobre os loiros ceifados por elle, adormeceu do somno dos heroes vosso glorioso Avô, o fundador da unidade italiana. Sêde bem-vinda, Rainha de Portugal! As vossas e as nossas memorias dizem á Europa uma das mais bellas paginas, que n'este seculo de prodigios e transformações até hoje escreveu a historia.

6 de outubro — 1862.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Terás na Lusa praia as ribas italianas;  
solo que diz: — fartura; — e céu que diz: — bonança;  
searas da Cicilia; auras napolitanas;  
e flores da Saboya em prados de Bragança!

1862.

THOMAZ RIBEIRO.

## LA PREGHIERA

All'ombra dell'altar, quando sciorrai  
la fervida preghiera, Ti rammenta  
di quella Terra, per cui piáto avrai  
nella piena dei mal, che la tormenta...

# Em Madrid — O congresso eucharistico

## A procissão do Santissimo Sacramento



A procissão desfilando pela rua de Alcalá

*Foi revestida da maior pompa e imponencia a procissão realisada em Madrid em 29 do mez findo. N'ella tomaram parte cem prelados, oito mil sacerdotes, quinhentas bandeiras, um numeroso cortejo de aristocratas, os mais considerados membros do partido conservador, calculando-se em sessenta mil pessoas o numero das que assistiram ao desfilar do cortejo pelas ruas de Madrid.*

## BEM-VINDA

.....  
A vasta nau da Italia abriu todas as velas  
sem medo ao pego fundo e ao turbilhão que freme.  
Tem, a mostrar-lhe o porto, ou iris ou estrellas;  
a liberdade á prôa! a lealdade ao leme!

.....  
E tu no entanto a nós, ó Pomba Espavorida,  
acolhe-Te, da paz formosa mensageira!  
na arca de nosso peito has-de encontrar guarida;  
nos braços d'este povo... os ramos da oliveiral

Ah! prega... prega, che pur cessi omai  
la cruda lotta, che le rende spenta  
quasi del tutto quella fé, che i rai  
le aprí alla gloria, per cui fu redenta:

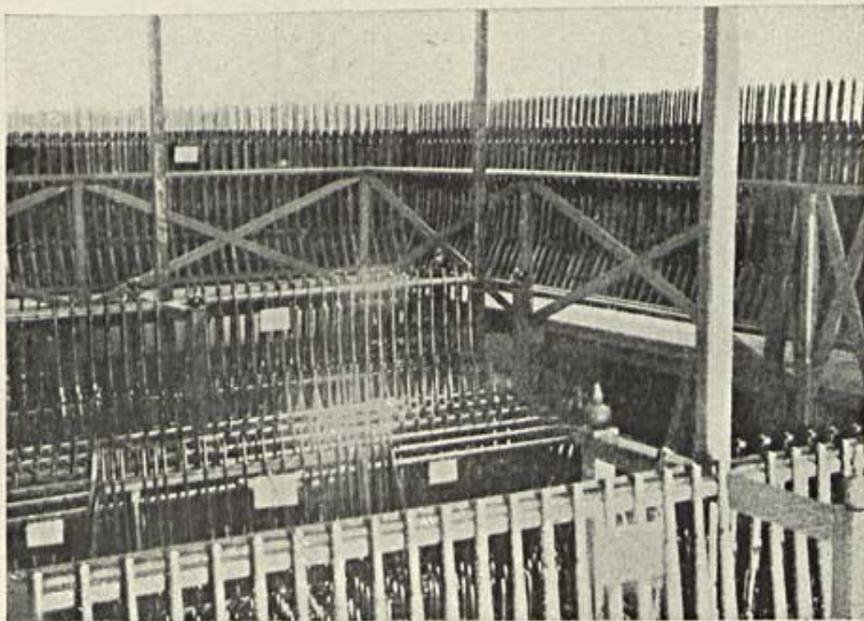
L'inclita maestá dell'alma reggia  
dell'avita pietá sostenti il brio,  
che nell'italo Cielo ancor lumeggia.

Prega, che alfin l'Italia sia felice,  
e col suo scudo la difendi Iddio,  
perché non sia più misera, e infelice...

1862.

CAV. GAETANO FRASCARELLI.

## A conspiração monarchica



Sala d'armas no castello de Castro, em Vigo, onde estão expostas as espingardas apprehendidas em Orense e que eram destinadas aos conspiradores

As gravuras que publicamos n'esta pagina representam o contrabando de guerra que foi apanhado em Orense e que era destinado aos emigrados portuguezes residentes na Galiza. Este contrabando acompanhava-se, segundo verificação a que se procedeu, de 4 peças de artilharia, 1:000 granadas ordinarias, 320 granadas de metralha e 6:032 espingardas.

### PARABENS

Vem, oh! vem, Princeza Augusta,  
espargir, qual branda aurora,  
sobre um povo que te adora  
raios de luz e de amor.  
Vem, que serás nesta terra  
a esperança da orfandade,  
a estrella da liberdade,  
Gentil e Mimosa Flor!

Sentiste, Candida Virgem?...  
Um murmurio agradecido  
não passou do teu ouvido  
docemente ao coração?  
Que pensas que foi? Não sabes?  
Nesse rumor delirante  
recebes tu neste instante  
as benções da multidão!

1862.

J. A. DE SANTANNA E VASCONCELLOS.

### PATUIT DEA!

Eil-a! chegou! bem-vinda!  
bem-vinda sois mil vezes!  
Em rostos portuguezes  
intimo amor sorri.  
E' vossa patria a Italia;  
temos equal aurora...  
bem-vinda sois, Senhora,  
bem-vinda sois aqui!

Corrêra um vago affecto  
por tantos centos d'almas; —  
que reffloridas palmas!  
que alegres saudações!  
unia-se, estreitava-se  
num fraternal abraço,  
a patria audaz do Tasso  
co'a terra de Camões!

1862.

E. A. VIDAL.

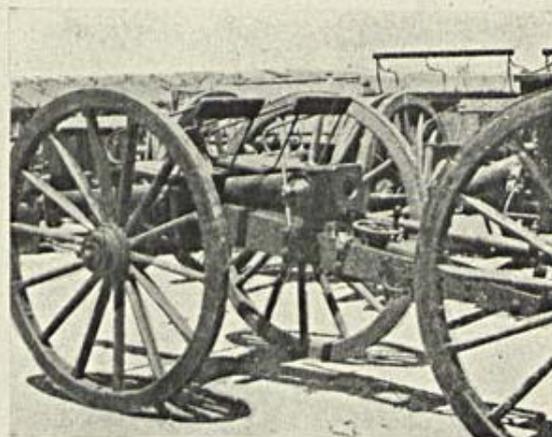
## A quinze dias de vista...

### Letras que não obrigam a protesto

Variações sobre o calor. Lastimas que não refrescam como as tristezas que não pagam dividas. Lisboa-fornalha está insupportavel. — O calor na fronteira e o presumivel calor vindo de Hespanha. A lenda da conspiração. Vá lá uma pessoa saber a quantas anda n'este assumpto! Trezentos gallegos de um lado e vinte mil homens em pé de guerra do outro. Aqui ha gallegos de menos ou homens de mais. — Morte da Senhora D. Maria Pia — A exposição annual de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

O calor, este inimigo irreconciliavel, implacavel, que nos esgota por mil e uma maneiras, que nos rouba o apetite, que nos tira o somno, que nos faz soar as estopinhas, que nos paralysa o cerebro, que quasi nos bestifica!... Uff, que é de mais. Isto passa das marcas: não é para gente branca, é para cafres! Lisboa,

esta linda terra tão nossa amada, está insupportavel. Por muito bem que se lhe queira — e eu não lhe posso querer mais — Lisboa, n'esta quadra, não se pode tolerar. E' uma fornalha. Dias e noites suffocantes, sem uma viração, quasi sem uma nesga de sombra e a costumada ausencia d'aquelles elementos com que lá por fora é de uso atenuar o martyrio da insolação. Porque entre nós não se passa ainda, em materia de refrigerios, da carapinhada e do leque de papel. As proprias ventoinhas electricas de tão recente applicação na cidade de Ulysses, de nada servem ou servem então para acabar com o soffrimento por uma vez, matando a gente com uma pneumonia — o melhor dos casos — ou arranjando-nos uma paralyia para descanso dos poucos dias que nos restem. Tal a bes-



A conspiração monarchica — As peças de artilharia apprehendidas em Orense

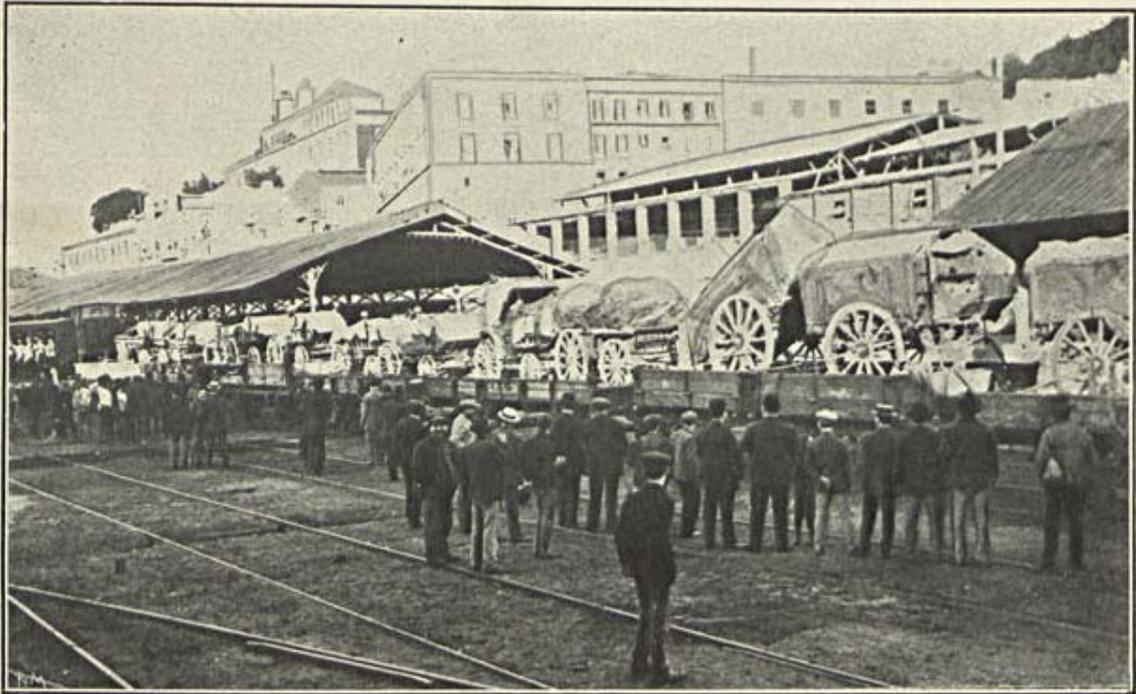
tissima disposição que nas casas, cafés e outros sitios dão a esses beneficos aparelhos. E' de tal ordem que de beneficos passam a mortiferos.

Passa a gente o dia desejando a noite. Chega por fim a noite

e a nossa ancia, a nossa aspiração commum, é que rompa o dia — porque a noite ainda é peor. Mas emfim, á noite mette-se um triste Fabiano n'um carro do Dafundo e ao chegar ao Aterro tira o chapéu e apanha de chapa o ar que o carro, a nove, desloca. Mas o ar do Tejo, como sabem, não é bem o halito das Tagides, a não

Lembra-se a gente então d'aquella coisa sublime do Shekspeare, tão sublime que só se sabe o que ella quer dizer n'esta desgraçada emergencia em que não é possível conciliar o somno:

*Dormir, sonhar, talvez...*

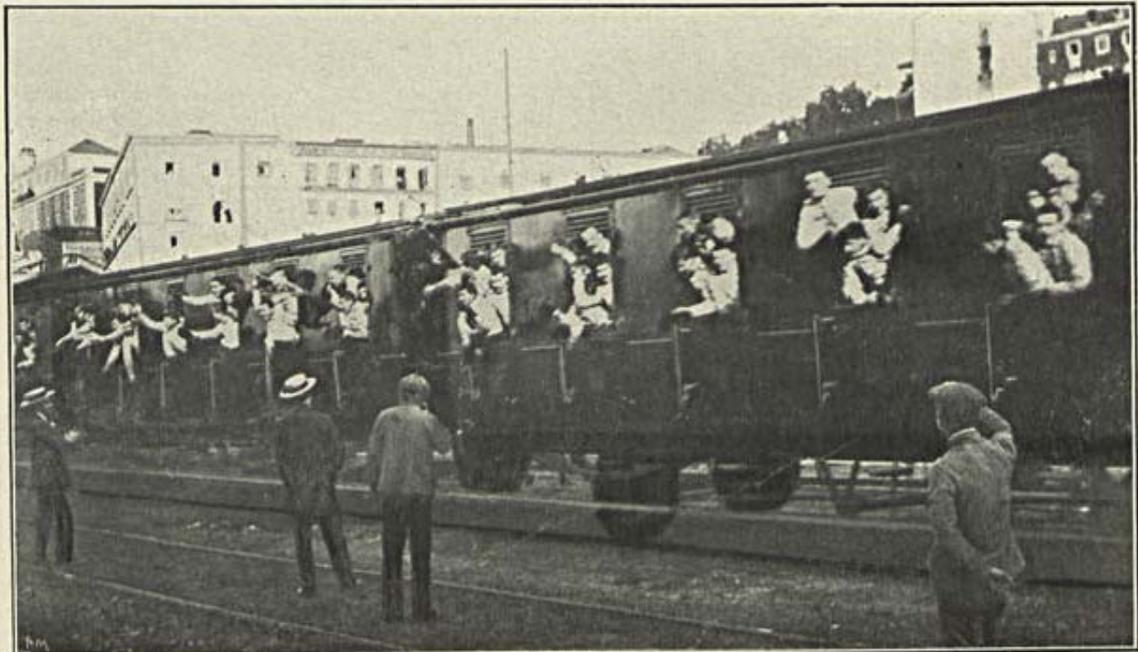


A conspiração monarchica — Partida d'um contingente de engenharia para o norte — Na estação de Santa Apollonia

ser que as Tagides sofram de escrobuto ou tenham scyrros no estomago. Dos males, porem, o menor. Sempre é ar. E enquanto o carro vae e vem folgam as costas e mais partes por onde é de uso a gente transpirar. Mas o regresso! A volta a Lisboa! A entrada

Dormir, sonhar, quem dera! Mas isso sim. Com o geito que as coisas levam nem lá para outubro.

Emfim, será quando Deus quizer, se é que Deus ainda tem direito a querer alguma coisa.



A conspiração monarchica — Partida d'um contingente de engenharia para o norte — O comboio pondo-se em marcha  
(Phot. de J. Benoitel)

nas primeiras ruas da baixa! A nossa casa! A nossa cama! oh, a nossa cama, até ha pouco tão querida, tão desejada e agora detestada, execrada... A cama onde nos rebolamos toda a noite, bufando, ás palmadas na cara, nas pernas, por toda a parte, emfim, mordida por mosquitos!

Ora, quando nós nos queixamos amargamente do calor, que dirão aquellas desgraçadas tropas a quem o dever chamou, chama

## CHAVES



Aspecto geral (lado sul) — Vista da margem direita do Tamega

*Vem de molde, agora que tanto se fala do norte do paiz e se mobilisam forças governamentaes, as photographias que inserimos d'esta importante terra.*

*E' a mais importante do districto de Villa Real, de que dista uns setenta kilometros.*

*Chaves foi fundada pelo imperador romano Flavio Vespariano, que lhe deu o nome de AQUAE FLAVIAE, em razão da excellencia das suas aguas thermaes. Este nome foi substituído mais tarde pelo de AQUAE CALIDAE. Foi arraçada pelos arabes e reconquistada pelos reis de Leão. D. Affonso I mandou proceder á sua restauração. D. Diniç engrandeceu-a. D. Affonso IV deu-lhe foral, foral que foi renovado, em 1515, por D. Manuel.*

*E' digno de nota o estado de conservação em que ainda se encontra a ponte sobre o Tamega, que reproduzimos: data do tempo dos romanos. Vem d'esses tempos recuados a fama das aguas da região e são muito concorridos os banhos de Chaves, Vidago e Villarinho.*

e parece que ainda chamará, para a fronteira hespanhola, d'onde se espera, a inferir pelas precauções tomadas, uma incursão para a tentativa de uma restauração monarchica. Esses, sim, esses é que

Sobre esta não sei o que lhes diga. Abro os jornaes e nos mais auctorizados encontro noticias tão contradictorias, que não sei em que me fique. Uns dão os conspiradores, poucos ou muitos,



Chaves — Ponte sobre o Tamega

devem ter soffrido horrivelmente com a inclemencia da estação e com a perspectiva de outro calor — o de uma conflagração porventura imminente.

dispersos pelas auctoridades hespanholas, errantes pelas terreolas da linda Galliza, sem eira nem beira, repesos da sua temeridade, dando a cardada ao diabo. E concluem que o irrisorio perigo pas-

sou. Outros affirmam que as hostes de Paiva Couceiro se compõem de cem, duzentos, o maximo trezentos homens, a mór parte dos quaes gallegos, mercenarios que lhe passariam o pé na hora do perigo. Muitos ou poucos, dispersos ou juntos, os conspiradores não causam sobresaltos á imprensa auctorizada, que se ri d'elles.

Mas mais abaixo ou mais acima, nos mesmos jornaes, affirmam-se que o governo tem na fronteira vinte mil homens em pé de guerra, o que é muito para combater, no peor dos casos, trezentos gallegos mercenarios. E dia a dia são deslocadas mais tropas para as terras raianas, tendo partido ultimamente de Lisboa, senão todo, pelo menos um grande nucleo do regimento de engenharia que faz parte da guarnição da capital.

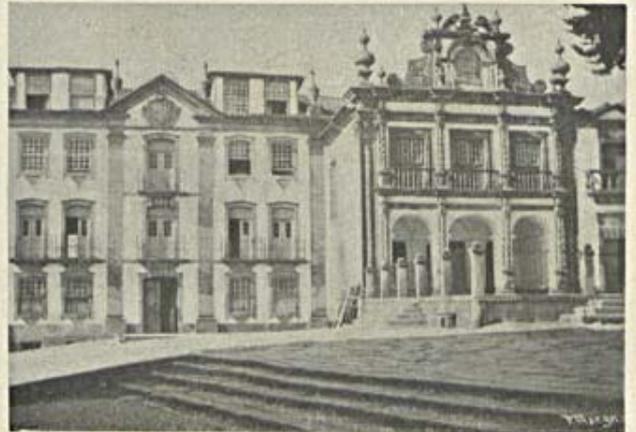
Uma de duas: aqui ou ha tropas de mais ou gallegos de menos.

Haverá incursão? Não haverá incursão? Não sei: como quer que seja, eu cá estou. Não arredo pé. A unica preocupação que me aterra é ter de passar o resto do verão — debaixo da cama.

D. Maria Pia...

Teve o seu epilogo — cruciantissimo epilogo — no castello de Spigini, em Italia, a tremenda tragedia que foi a vida da ex-Rainha de Portugal Senhora D. Maria Pia de Saboya. Paralysoou, em fim, aquelle coração ferido de todas as grandes dores humanas. O gentilissimo espirito da excelsa princeza, cujas nobilissimas qualidades bem fariam esquecer o unico defeito que lhe apontavam, a prodigalidade, — a prodigalidade com que ella enxugava prantos de todas as angustias occorrendo com soccorros generosos a todas

vibradas ao seu amantissimo coração! Que nobre, grande exemplo de dignidade foi essa vida votada ao amor dos seus, ao amor dos desvalidos, á desgraça de todos, que foi a sua propria desgraça!



Chaves. — Egreja e Hospital da Misericórdia

Pobre, exilada, velha, doente do corpo, o espirito apavorado á recordação constante do lugubre drama que foi a morte horrenda do filho e do neto, Rainha sem throno, quasi sem pão, ainda lhe restava tragar as ultimas fezes do seu calice de amargura, vendo morrer a irmã queridissima, essa esplendida figura que foi a princeza Clotilde. Não pode, então, mais: os poucos dias que sobreviveu á irmã foram uma agonia horrorosa. Deus teve, por fim, piedade d'aquella pobre alma e chamou-a a si.

Por alma da Senhora D. Maria Pia foram celebradas, no dia 13, na egreja de Santa Isabel, solennes exequias a expensas da Irmandade das Senhoras Viuvias de que a illustre princeza foi fundadora e presidente. No acto, que revestiu singular imponencia, produziu uma brilhantissima oração funebre o rev. dr. Santos Farinha.

No seu atelier da rua do Thesouro Velho, reabriu Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro a sua costumada exposição dos seus trabalhos realizados na fabrica das Caldas da Rainha, a que andam ligados o genio e o nome do eminente artista que foi Raphael Bordallo.

Por mais de uma vez, e com aquelle carinho e amizade que Manoel Gustavo me merece — duas vezes amigo, o filho do meu inolvidavel amigo — me tenho referido a estas lindas exposições em que ha sempre muito que ver, muita novidade provando exuberantemente o genio creador, a poderosa phantasia do artista, a sua tão delicada noção da cõr e, sobretudo, o cunho portuguezissimo que elle, com um grande amor de patriota, imprime a esses singulares trabalhos que são outras tantas maravilhas de arte e de bom gosto.

A exposição d'este anno affirma, como as antecedentes, victoriosamente, o bello talento do illustre artista e os progressos do modelar estabelecimento que, a despeito da descaroavel desprotecção a que está tão injustamente votado, progride a olhos vistos sob a sua intelligente e activa direcção.

E' muito grato ao meu coração fechar este artigo com o estreito abraço de muita amizade e admiração que envio ao artista insigne, digno filho d'aquella que pela sua arte foi uma das mais lidimas glorias da nossa terra.

CAMARA LIMA.



Chaves. — Vista do Castello tirada do interior da parada do quartel de infantaria

as afflições que se lhe patenteavam — esse espirito de elite evolou-se, finalmente, do fragil, combalido involucro. Pobre, grande martyr que com tanta resignação soffreu as mais rudes punhaladas

A morte é a paralyzação de todos os sentidos, é o fim de todos os martyrios e é onde começa a justiça humana. Tem a vantagem da imparcialidade: todos são eguaes perante ella.

## Figuras antigas

IV

Os jogos de roda no adro e os cantares no campo eram alegrias temerárias, desafios blasphemos do *valle de lagrimas* contra Deus. Falar baixo, olhos no pó e a pedra fria da penitencia sobre o coração eram remedios de vida eterna. Da cadeira reitoral, elle evangelisava os parochianos, graduando-lhes o timbre da voz e a luz para os olhos, pisando e repisando a virtude da castidade, nunca se esquecendo de elogiar a pureza de um santo que até ao cumprimentar a mãe voltava sempre a cabeça e envolvia a mão, no panno da capa, antes de lha dar.

No confissionario, então, era terrivel! Por toda a igreja se ouvia o choro convulso das mulheres, soluçando contra as grades, ao ouvirem, da sua bocca, perguntas de peccados horriveis, de cuja existencia nunca haviam sequer suspeitado...

A febre gosava-a deliciosamente como um fogo de morte libertadora que a consumiria em breves dias. Illudiu-se. Mas quando o seu rosto esmaecido appareceu a uma janella revestida de martyrios, o padre ia já longe. Ouviu depois contar que o valente e honrado José do Telhal, ao ver a desordem que ia na parochia, se lhe atravessou um dia no caminho, para lhe perguntar, emquanto fazia vergar, contra a terra, um grosso pau de carvalho: — Vossa reverendissima não me dirá quando tenciona deixar-nos?...

Rosalia, por este lado, estava tranquilla, tanto mais que viera, para a terra, parochiar um velho amigo do seu antigo protector. O povo foi tambem esquecendo o vestido e o veu, permittindo as familias que as filhas frequentassem uma escola que ella abria na pequenina casa.

Foi por este tempo que Agostinho voltou da tropa, afidalgado n'um fato de casimira parda, bota lustrosa, chapéu fino, bigode encerado, ostentando ao peito, preso a um cordão de ouro, o relógio que enchia de pasmo os velhos da freguezia.



Partida do ministro do Brasil, sr. dr. Costa Motta, para o Rio de Janeiro

Da esquerda para a direita: D. Estella Costa Motta — dr. Costa Motta — Belford, 2.º secretario da legação brasileira

Que saudades das confissões claras e consoladoras do padre Januario!

— Este padre — pensava Rosalia — é infame ou imbecil.

E recusou-lhe os bons serviços que elle teimava em offerter-lhe.

Um dia, já cansada de ouvir a offerta, recebeu d'elle uma carta. Falava-lhe da sua mocidade, da sua belleza murcha, da miseria futura, e offerecia-lhe dinheiro para ella ir passar a vida onde escolhesse.

Rosalia, cheia de rubor e de lagrimas, respondeu no alto da carta apenas estas linhas, escriptas a lapis:

«Ha casos em que morrer de fome é tão doce e glorioso como morrer da graça de Deus.»

Em seguida, reuniu os pedaços da hostia que tinha servido de obreira ao envelope, entregando-os, com a carta, á emissaria.

— Olhe: leve tambem isto... Diga ao senhor reitor que talvez estas hostias lhe façam falta para a missa...

A lamina d'este insulto golpeou-lhe o coração. Fechou-se em casa, sosinha, por muitos dias. Caiu, por fim, doente, banhando-se de lagrimas, tendo por enfermeiro um retrato do velho reitor, sentado no escadorio do campanario, onde a encontrára, engeitada, por uma manhã de neve.

Os rapazes mal lhe apertavam as mãos brancas, sem callos, e as raparigas evitavam-no com o pudico receio que lhe infundiam os janotas da cidade.

A propria Maria Florinda lhe estranhava o olhar, o aperto das mãos; e um domingo, á tarde, que n'um rancho de mocidade, sentado no adro, á sombra da igreja, se censuravam os atrevimentos do Agostinho, ella exclamou:

— Coitado! Se me botasse uma fala mais tal ó qué... quebrava-lhe o focinho!...

— Livra-te dos ares que eu te livrarei dos males... — aconselhou uma velhota escrupulosa.

— D'estes ares o livramos nós... — ameaçou um mocetão — Um dia foge de cá com uma perna no ar...

— Não, lá isso... emquanto não fizer mal a ninguém... — acudiu a Maria Florinda.

— Tu defende-lo?!...

— Defender, não; mas bem vedes... O rapaz, por emquanto...

— Está visto... por emquanto... — apoiaram as raparigas.

— Se vós soubesseis, até lhe tinheis zanga... E' um gabasola que precisa o funil apertado.

No grupo das raparigas estalou uma exclamação de curiosidade e defeza:

— Pois cá não ha medo... E' dizer, dizer tudo... Em mim nunca elle poz um dedo...

E levantaram-se todas, indignadas, anciosas, cercando os rapazes, insistindo para que contassem.

Alguem informou que Agostinho e Rosalia tinham sido vistos e ouvidos a conversar em casamento e a troçar dos saíotes duros e do penteado de Florinda.

— Ah! sim?! Pois deixae-a — ameaçou esta enrubescendo e pestanejando para desfazer uma lagrima — Essa carinha de chá ha-de experimentar-me as unhas e a lingua! Onde a apanho, ahí é que a esgano!

— Ora, ora... ainda has-de fazer isso por menos...

— Enganai-vos. Se sei que torna a pôr a bocca em mim, entro-lhe mesmo em casa e esgano-a lá dentro.

— E então, do Agostinho, d'esse não falas?... E' um santo?!... — perguntou um rapaz sarcasticamente.

— Nunca lhe fiz festas...

— Mas tens pena?...

— Ai... pena... — desdenhou risonha, simulando indiferença

— Vamos nós divertir-nos? Deixemos estas coisas. Toca a cantar e a dançar...

E com tal rapidez movimentou o rancho que, em poucos momentos, toda a mocidade, aos pares, de mãos dadas, em circulo, cantava um alegre jogo de roda.

Como n'esse instante o Agostinho apparecesse no adro a fitar a filha de Florencia, toda a roda, a um aceno, emudeceu e parou, a fitá-lo com desdem, emquanto a bocca de Florinda cantava, sosinha, n'uma voz alta e nervosa:

*Se julgas que por tí choro,  
Engana-te o coração:  
Eu não sou lám rabaceira  
Que apanhe a fructa do chão...*

As mão dos pares desprenderam-se e estrealjaram n'uma corrida de palmas, expulsando o Agostinho que desapareceu do adro, entrando furioso na taberna proxima, que a essa hora do domingo, rumorejava em sussurros de freguezia alegre.

Occultou-se, rubro e tremulo, n'um canto escuro, a fumar cigarros, soffregamente, e a sorver, com vicio, calices repetidos de aguardente.

Na loja só o taberneiro dera por elle, indo servi-lo ao angulo sombrio da loja onde se amachucara, escondido, a devorar o desprezo de Florinda. Agora que ella o ferira deante da mocidade da terra, é que sentia acordar a antiga affeição, crescendo-lhe no peito a cubiça insoffrivel de a ter por mulher.

Pouco depois entraram a beber dois moços vindos do adro, e contaram jubilosamente a fuga de Agostinho e o desdem de Florinda.

Foi muito bem feito! — applaudiu logo alguém. — Anda com juizo se lhe quebrar o focinho!

— Lá capaz disso é ella...

— E com razão; pois uma rapariga a quem nunca ninguem tirou ahí um pello!... Era só migá-lo!...

(Continúa.)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

## THEATROS

**Theatro da Natureza.** — (Jardim da Estrella). — **Trindade** — *Gente Miuda*, peça em 3 actos e 7 quadros, original de Arniches e Garcia Alvarez, musica de Valverde, traducção por Ernesto Rodrigues e Pereira Coelho. — **Apollo** — *O Fura-Bolos*, peça em 3 actos, adaptação do francez por João Bastos. — **Colyseu dos Recreios** — Companhia de operetta italiana.

Iniciativa arrojada foi esta da implantação entre nós do **Theatro da Natureza**, que, a despeito de todos os escolhos e malquerenças, chegou ao cabo coroada de exito, e por tal fórma, que não duvidamos asseverar que a *novidade* caiu no agrado do publico e que estes espectaculos constituirão de futuro uma fonte enorme de receita se, como agora, forem organisados dentro das regras da boa arte. Foi um triumpho em toda a linha.

Não podia ser mais completo o conjuncto de elementos colhidos para a realisação d'este empreendimento, que o publico acolheu lisongeiramente. Nem outra coisa seria de esperar, fazendo parte d'esse grupo de artistas, entre outros, Alexandre de Azevedo, o iniciador principal do *Theatro da Natureza*, Pinto Costa, Adelina e Aura Abranches, Luz Velloso, Barbara, Theodoro, Raphael Marques e Pimentel, que foram habilmente dirigidos por Eduardo Brazão.

Escolheram para estreia a tragedia *Orestes*, adaptação realisada por Coelho de Carvalho, da trilogia *Orestia* — unica que chegou ao nosso tempo — do escriptor grego Eschylo, a quem os athenienses appellidaram de *pae da tragedia*, e que a compoz aos sessenta e sete annos de idade, 459 antes da era de Christo. Segundo a opinião da mór parte dos escriptores modernos, é a obra mais grandiosa e sublime do theatro grego, pois sem rodeios, nem *trucs*, antes por uma fórma natural, facil, ella prende-nos, acorrenta-nos a pouco e pouco, e segue sempre n'uma crescente intensidade dramatica.

Foi ella reduzida a tres actos, aproveitando-se-lhe apenas as scenas culminantes e essenciaes ao entreccho, e despida de côros e bailados, que eram inherentes a todas as peças de então; adaptada, para melhor comprehensão, ás exigencias da scena moderna, procurou Coelho de Carvalho no emtanto conservar-lhe toda a côr local do mundo hellenico, não lhe applicando uma linguagem de convenção, demonstrando bem toda a sua preocupação em acertar sempre com o termo proprio, mais em harmonia com o caracter e indole das personagens, por uma fórma logica, sem durezas.

A parte de *Orestes*, a cargo de Alexandre de Azevedo, teve uma interpretação que excedeu toda a nossa espectativa. Sustentou de principio a fim a linha da personagem, gesto e andar adequados, mostrando muito estudo e criterio, e na scena da loucura, uma das mais difficeis que temos visto, foi soberbo.

Adelina, na *Electra*, teve scenas felicissimas, principalmente no primeiro acto. O publico fez-lhe uma grande ovação, bem como a Aura Abranches, que n'um pequeno papel provou que continúa estudando e de dia para dia vae manifestando novos dotes para a difficil carreira, tão ingrata, que encetou. N'outros pequenos papeis, sustentados com arte, merecem referencias Theodoro e Raphael Marques. Muito boa a scena arranjada por Augusto Pina.

Depois de quatro representações do *Orestes*, subiu á scena a conhecida tragedia italiana *Cavalleria Rusticana*, accommodada por Lopes Teixeira, e a peça em um acto do dr. Pedroso Rodrigues, que em tempos se representou no **Nacional**, *Bodas de Lia*, inspirada no soneto de Camões do mesmo nome.

Em nada desmereceu este segundo spectaculo do primeiro. Foi mais um grande triumpho para os intelligentes artistas. Azevedo, foi, na *Cavalleria*, um *Turiddu*, varonil, e Adelina, uma adoravel *Santuzza*, apaixonada e ciumenta. E mereceram os maiores applausos Barbara, na parte de *Munzia*, e Pinto Costa, no *Alfo*.

Nas *Bodas de Lia* ha que pôr em primeiro logar no difficil papel de *Jacob*, o actor Theodoro dos Santos, que disse e representou com acerto, pelo que o felicitamos, e depois Adelina e Alexandre de Azevedo. O scenario d'esta peça é de magnifico effeito.

— *Gente Miuda* é uma zarzuella viva e interessante, a cujo enredo anda ligado um fiosinho dramatico, ornada com excellente musica do maestro Valverde *hijo*, e que está em scena na **Trindade**.

Na sua passagem para a nossa lingua foi a peça ligeiramente modificada, adaptando-a os srs. Ernesto Rodrigues e Pereira Coelho mais aos nossos costumes, pois fazem viver a acção em Portugal, o que deu ensejo ao talentoso maestro Luiz Filgueiras de escrever alguns numeros inspiradissimos de musica, como o fado e as canções populares do segundo acto. Prevalece, porém, na peça a graça hespanhola, tanto na phrase como nas situações, em que os hespanhoes têm verdadeiros achados. São a *gente miuda* quatro irrequietos garotos, mas dotados de um coração excellente, que põem a nota interessante na peça. Acção: um pae, que preso de amores por uma camareira de café, pessoa muito da intimidade de rufias e carteiristas, é levado quasi á pratica de um crime de burla, o que é evitado pela *gente miuda*. Em roda d'este assumpto avultam um sem numero de incidentes, tendo scenas movimentadissimas como a do café no segundo acto, que dá logar á exhibição de diversos bailados, canções e côros, e todas as do terceiro acto, talvez o melhor. A peça está bem mettida em scena por Taveira que n'ella toma tambem parte, fazendo o papel de Philippe, o pae. Tem n'ella um optimo trabalho. Destacam-se tambem Zulmira Ramos, Guilhermina de Castro, Antonio Gomes, Henrique de Albuquerque, que têm nos quatro garotos verdadeiras creações, e Raphael Fons que fez bellamente uma desenvolta e graciosa camareira. E' peça para longa carreira.

— Adaptou o conhecido comediographo sr. João Bastos com rara felicidade do francez a peça *Fura-Bolos* que subiu ultimamente á scena no **Apollo** em festa artistica do actor Jorge Gentil. E' uma peça cheia de graça, com um complicado enredo impossivel de descrever, e cujo unico fim é fazer rir, pelo que se lhe perdoa tudo o que contem de inverosimil. O desempenho foi correctissimo não só por parte do festejado, como dos demais interpretes.

— Succedem-se as enchenches no vasto salão do **Colyseu dos Recreios**, devido ao exito que continúa obtendo a companhia de operetta italiana, que pelo visto ainda algum tempo se demorará entre nós.

Em summa, uma quinzena em cheio para os amadores de bom theatro.

Ruy

## De Otto Schiltz

Rebentam flôres mil das minhas lagrimas,  
e só serpentes nascem de meus cantos,  
é que meus cantos são envenenados,  
e só puros, só dôces os meus prantos.

ANTHERO DE QUELUZ.